

A narrativa poética e realista de Erico Verissimo: Análise dialógica dos livros “Clarissa” e “Música ao longe”

Ana Fernanda Vasques Aragom

Resumo: Na sua produção literária, Erico Verissimo apresenta as adversidades do cotidiano, a humanidade de seus personagens, tipos sociais que têm suas histórias entrelaçadas compondo uma narrativa realista e poética. Deste modo, este artigo busca analisar as obras “Clarissa” e “Música ao Longe” de Erico Verissimo para identificar o realismo lírico na narrativa das adversidades do cotidiano. A metodologia segue a linha de pesquisa de Literatura e Linguagem e é uma pesquisa bibliográfica de autores como Bosi (2008) e Massaud Moisés (2006) seguida de uma análise em perspectiva dialógica (Bakhtin, 1997) dos livros “Clarissa” e “Música ao Longe” abrangendo os aspectos enunciativo, discursivo e linguístico e discutidos pelas categorias realismo e poética nas obras. Como resultados, destaca-se o uso de linguagem simples, a perspectiva ingênua de Clarissa sobre os problemas sociais, o uso de metáforas e a presença de descrições da natureza e do cotidiano que indicam a esperança de boas novas em meio a mazelas como a desigualdade social e a morte e o amadurecimento da personagem. A análise pode contribuir para percepção da construção literária na sala de aula.

Palavras-chave: Erico Verissimo; Clarissa; Música ao Longe; Realismo poético; Análise dialógica.

Abstract: In his literary production, Erico Verissimo presents the adversities of everyday life, the humanity of his characters, social types whose stories are intertwined, composing a realistic and poetic narrative. Then, this article sought to analyze the books “Clarissa” and “Música ao Longe” by Erico Verissimo to identify the lyrical realism in the narrative of the adversities of everyday life. The methodology follows the line of research of Literature and Language and is a bibliographical research of authors such as Bosi (2008) and Massaud Moisés (2006) followed by an analysis in a dialogical perspective (Bakhtin, 1997) of the books “Clarissa” and “Música ao Longe” observing the analytical categories: enunciative, discursive and linguistic and the interpretative categories: realism and poetics in the books. As results, the use of simple language stands out, as does Clarissa's naive perspective on social problems, the use of metaphors and the presence of descriptions of nature and everyday life that indicate the hope of good news amidst evils such as social inequality and death and the character's maturation. Analysis can contribute to the perception of literary construction in the classroom.

Key-words: Erico Verissimo; Clarissa; Música ao Longe; Poetic realism; Dialogic Analysis.

1. Introdução

Erico Verissimo narra em realismo lírico suas histórias, o que consiste em apresentar a dura realidade, mesmo sendo brutal ou miserável, em termos frescos e autênticos, como ressaltado por Massaud Moisés (2006, p. 310), sem perder o fluxo poético que também compõe a vida. O romance é escrito em pinceladas, como se ao final se formasse uma aquarela, sem se esquecer da rude matéria da vida concreta e presente.

Na sua produção literária, Erico apresenta as adversidades do cotidiano, a humanidade de seus personagens, tipos sociais que têm suas histórias entrelaçadas. Compõe uma crítica social narrativizada, uma vez que reflete sobre as diferenças sociais e o contexto histórico, além da escrita em prosa poética, de modo que o retrato humano possui poesia em seus detalhes frívolos.

Pensando nisso, o presente artigo busca analisar o estilo simples e poético da narrativa de Erico Verissimo, com foco nos dois primeiros livros da Saga Clarissa, “Clarissa” (1980) e “Música ao Longe” (1978) que acompanha a personagem durante seu desenvolvimento desde a infância. A proposta é realizar uma análise dialógica das obras para observar os aspectos enunciativo (contextual), discursivo e linguístico procurando compreender: como Erico Verissimo apresenta um retrato social que traz a adversidade do cotidiano, o entrelaçamento de histórias e tipos humanos expressivos por meio de uma crítica narrativizada em prosa poética e quais recursos estilísticos e linguísticos utiliza para abordar reflexões e discussões da vida cotidiana através de uma escrita poética, intimista e dinâmica. A análise pode contribuir para a compreensão da produção literária do autor, como seu estilo literário e, do período histórico em que está inserido, como costumes e problemas sociais.

Em “Clarissa” (1980), a visão infantil e otimista tem seu contraponto com personagem Amaro, músico malsucedido e pessimista. Já, em “Música ao Longe” (1978a), há o depoimento autêntico da menina que escreve em seu diário, em primeira pessoa, suas vivências e sentimentos de forma alternada ao narrador em terceira pessoa. A saga do ciclo Clarissa continua na obra “Um lugar ao Sol” (1978b) que também traz personagens de “Caminhos Cruzados” (2016), nas quais o realismo implacável é mais forte. O ciclo de Clarissa termina

com a obra “Saga” (1995). Assim, Erico Verissimo compõe um entrelaçamento de histórias e perspectivas de tipos humanos em um “retrato” social da época.

Assim, ao acompanhar a personagem, pode-se encontrar as adversidades da vida em meio a um panorama que também valoriza as sutilezas de ações simples e frívolas, como alimentar as galinhas com milho ou tomar um café da manhã. Desse modo, o autor apresenta os problemas sociais arraigados ao cotidiano e deixa a reflexão sobre estes assuntos ao leitor que, embalado pela leitura, pode perceber as problemáticas da vida.

Deste modo, o artigo está organizado seguindo a descrição da metodologia e procedimento de análise utilizados, a pesquisa do contexto histórico das obras, (Clarissa – 1933 e Música ao Longe – 1935), o movimento literário Modernista e a biografia do autor (aspecto enunciativo da análise) e o ciclo Clarissa descrito em seus livros. Partindo à análise dialógica das obras propostas e as considerações finais.

2. Metodologia

A metodologia do presente artigo consiste uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos como base para a análise seguindo a linha de pesquisa de Literatura e Linguagem do curso de Letras. A análise das obras “Clarissa” e “Música ao longe” foi realizada sob os fundamentos teóricos-metodológicos em perspectiva dialógica (Bakhtin, 1997) que considera a obra como linguagem, viva e concreta inserida e em diálogo com seu contexto.

Deste modo, o procedimento da análise buscou observar três aspectos analíticos: enunciativo, discursivo e linguístico. O aspecto enunciativo diz respeito ao contexto histórico da obra e a biografia do autor. Já, o discursivo trata da estrutura do gênero, segundo Bakhtin (1997), tipo relativamente estável pertencente a uma esfera de atividade humana composto por: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Em relação à linguagem, o aspecto linguístico pode abordar figuras de linguagem, funções da linguagem, escolhas lexicais e símbolos.

No decorrer da descrição e análise, surgem as categorias interpretativas, nunca a priori, como observado por Brait (2006, p. 60) *Não há, portanto, na perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, categorias a priori, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos*. Assim, as categorias observadas foram: o realismo e a poética na escrita uma vez que durante a leitura e observação dos livros selecionados percebe-se a presença do contexto e do discurso sócio-histórico-cultural da época e suas problemáticas de forma arraigada à narrativa que conta com linguagem simples através do olhar de uma menina e depois de uma jovem professora. Assim, a produção do livro é dialógica, pois, perpassa por experiências do autor e suas escolhas, por influências externas, pelo contexto histórico. Reflete um enunciado que está sempre em diálogo com outro. Portanto, todo discurso é dialógico, é uma construção compartilhada em que vários discursos estão em uma interação viva e tensa (Bakhtin, 1997).

Em relação aos aspectos de análise já citados, a bakhtiniana Brait (2006) destaca que o Círculo de Bakhtin apresenta conceitos, princípios que guiam aspectos teóricos e metodológicos. A seguir encontram-se o excerto de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” que

Brait (2006) destacou como base teórico-metodológica de análise no processo inacabado da ADD que considera a língua em interação, como enunciado concreto. Os tópicos foram sintetizados por Destri e Marchezan (2021) como 1. relações dialógicas, 2. gêneros do discurso e 3. formas da língua:

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (Bakhtin, 1997, p. 124 *apud* Brait, 2006, p. 50)

Quanto às relações dialógicas, Destri e Marchezan (2021) destacam o enunciado concreto como objeto de estudo, isto é, a materialidade da linguagem como interação discursiva entre sujeitos históricos, situados no tempo e no espaço. Sendo o enunciado vinculado a enunciados passados e conduzido a enunciados futuros, ou seja, com uma posição ativa responsiva em interação dialógica entre os discursos construídos através da língua viva, em uso.

Destri e Marchezan (2021) abordam que os gêneros do discurso são vinculados às esferas da comunicação/ de atuação humana a que pertencem, às práticas sociais nas quais são aplicados, ou seja, as estruturas formais dos atos de fala de determinado contexto de interação verbal. As autoras também destacam que durante o procedimento de análise dos gêneros é importante atentar-se ao tema, ao estilo e à construção composicional.

Sobre as formas da língua, ou seja, a materialidade dos discursos, Destri e Marchezan (2021) apresentam como um aspecto importante, já que as escolhas lingüísticas e gramaticais são intencionais refletindo o momento histórico, a realidade social e transparecendo ideologias, escolhas valorativas.

Em se tratando do procedimento que se segue para observação dos aspectos explicitados, a Análise Dialógica do Discurso propõe as seguintes atividades analíticas

interligadas: descrição, análise e interpretação. A atividade de descrição abarca: as esferas de produção, circulação e recepção; o tema, o estilo e a construção composicional do gênero discursivo; as escolhas lexicais, formais, de expressões etc.; a situação comunicacional e as interações dialógicas entre sujeitos (Destri e Marchezan, 2021).

O procedimento de análise procura estabelecer relações entre os elementos enunciativo, discursivo e linguístico, é uma etapa que pode ocorrer durante o processo de descrição. Lembrando-se que se trata de uma análise processual, em construção e inacabada. Quanto à interpretação, é uma atividade de construção de sentidos interpretativos a partir das relações teóricas em um posicionamento valorativo de diferentes perspectivas e ideologias a partir das observações dos três aspectos (Destri e Marchezan, 2021).

Deste modo, a partir dos aspectos e procedimentos estudados, observa-se que a ADD se preocupa com o enunciado concreto como centro das interações, relações discursivas entre sujeitos históricos que constroem sentidos através da linguagem em uso. Deste modo,

Pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, a alteridade como condição de identidade, por exemplo, são algumas das possibilidades oferecidas pelas reflexões bakhtinianas e que certamente interessam às teorias da literatura e das artes em geral, assim como às abordagens críticas e reflexivas da linguagem cotidiana em suas múltiplas manifestações e variados planos de expressão (Brait, 2006, p. 48).

Para o Círculo de Bakhtin, o livro (objeto de análise deste projeto) é um elemento da comunicação verbal que estabelece relações nos contextos de produção, recepção e circulação. Durante a leitura, são construídos diálogos entre o livro e as experiências do próprio leitor, alguns desses diálogos são publicados em resenhas ou trabalhos acadêmicos como este projeto. Assim, o livro está no centro dessas relações dialógicas que refletem discursos nos contextos em que passa, ou seja, há uma atividade responsiva de intensa construção de diálogos e relações com os enunciados passados e os futuros (Bakhtin; Volochinov *apud* Brait, 2005).

Deste modo, através de uma análise em perspectiva dialógica, separando excertos dos livros como dados concretos busca-se observar a escrita em prosa poética de Erico Verissimo

que retrata o espaço urbano abordando a vida cotidiana de seus personagens, tipos humanos. O capítulo seguinte abordará a fundamentação teórica que tratou do contexto histórico, da biografia do autor e do desenvolvimento da saga da personagem nos primeiros romances de Erico.

3. Fundamentação teórica

Erico Verissimo e seu projeto literário da Saga Clarissa

Erico Verissimo (1905-1975) consolidou-se como escritor na década de 1930, durante o movimento literário modernista, sendo marcado pelo período entreguerras, buscou retratar as inter-relações e inquietações humanas em uma literatura engajada, de abordagem social. Como destaca Santos (2014, p. 331):

Daí que a sua matéria literária é formada por pedaços da vida, e isso explica a sua escolha consciente por uma literatura de abordagem sociológica em detrimento da profundidade psicológica. Dessa forma, a matéria-prima utilizada por Erico Verissimo são os elementos sociais externos, que se internalizam em seus romances, conforme a assertiva de Antonio Candido (2000) do “externo que se faz interno”, que considera o elemento social como fator da própria construção artística.

Para Erico, segundo Santos (2014, p. 333), *“a arte e a beleza só têm sentido por causa da vida e da humanidade que elas possam conter”*. Deste modo, o projeto literário do escritor busca apresentar ao leitor a realidade social em que está inserido. Em relação ao primeiro romance do escritor, e objeto deste artigo, Clarissa

traz inovação à literatura brasileira, como sendo a primeira tentativa de Erico Verissimo de dar uma estrutura musical (contraponto) ao romance, observando que, ao contrário do segundo livro (Caminhos cruzados), no qual ela se realiza através da variedade de temas, em Clarissa a estrutura musical se dá através da polifonia de vozes presentes no parágrafo. Para Silviano Santiago (2005, p. 143-144), a personagem Amaro, um músico que deseja encontrar uma forma original de composição musical que possa conter todos os sons da pensão de dona Zina, é uma metáfora do narrador do romance, que também está empenhado “em buscar uma forma original de composição para a sua narrativa, composição esta que pudesse apreender o que deseja apreender e no modo como o deseja” (Santos, 2014, p. 335-336).

Deste modo, em “Clarissa”, Erico apresenta através da visão da menina de 13 anos que vem do interior (Jacarecanga) para estudar em Porto Alegre, diversos tipos humanos que moram na pensão da tia Eufrasina Assim, em um processo de autodescoberta e, também, de descoberta do mundo a sua volta ela é afetada por essas situações que inscrevem marcas no seu desenvolvimento. As cenas narradas colorem o cotidiano como em uma espécie de “aquarela” através da escrita (Verissimo, 1984a).

Pode-se chamar “saga” ou “ciclo” Clarissa porque a personagem aparece em outros romances do escritor, sendo possível acompanhar o seu amadurecimento e a vida ao seu redor

construindo laços humanos, como em “Música ao Longe” (1978a), “Um Lugar ao Sol” (1978b) e “Saga” (1995). O romance “Caminhos Cruzados” (2016) também faz parte dessa saga urbana, uma vez que o universo de Porto Alegre retratado é resgatado em “Um Lugar ao Sol” com o encontro do núcleo de Clarissa com personagens como Fernanda e Noel (originais de “Caminhos Cruzados” (2016)) entrelaçando os destinos das personagens. Deste modo, as personagens são retomadas e fazem novas relações. Apresentando assim, figuras humanas com as quais o leitor pode estabelecer uma relação de empatia e entender seus sentimentos e ações, como explica Bosi (2008).

O livro seguinte publicado foi “Caminhos Cruzados” (2016), romance urbano que dá vida a várias personagens na cidade de Porto Alegre. É influenciado pela técnica do contraponto de Aldous Huxley ao entrelaçar a vida das personagens em um período de cinco dias (sábado, domingo, segunda, terça e quarta-feira). Porém, como destacado por Candido (2005, p. 9) diferencia de Huxley, uma vez que apresenta personagens de classes sociais distintas. Com o uso desta técnica, o escritor apresenta capítulos curtos que trazem pontos de vista de várias personagens alternados, sem aprofundar nenhuma história. Como observa Candido (2005), apresentando na medida certa cada personagem para um retrato da sociedade urbana de Porto Alegre:

Dessa forma, ele soube como, conforme a terminologia de Mikhail Bakhtin (1997, p.89), “auscultar a sua época como um grande diálogo”, captando as vozes isoladas e as relações dialógicas entre elas, ou seja, a interação dialógica, e inserindo-as no tecido narrativo do seu romance como um “elemento externo que se faz interno”, segundo a acepção de Antônio Candido (2000, p. 7) que considera o elemento social como fator da própria construção artística (Santos, 2015, p. 28).

“Música ao Longe” (1978a) foi o romance seguinte a ser publicado apresentando mais uma vez a personagem Clarissa, mas agora, de volta à sua terra natal, a cidade de Jacarecanga. O romance foi escrito para concorrer ao prêmio Machado de Assis, o qual foi contemplado ao lado de Dyonélio Machado e Jorge Amado. Apresenta a narração em terceira pessoa com os escritos autênticos do diário da própria Clarissa, agora professora, que conhece o amor indefinido como “música ao longe”. Ao mesmo tempo que acompanha a decadência da família Albuquerque de latifundiários. A cidade de Jacarecanga, é uma cidade fictícia criada pelo escritor com base onde ele nasceu, Cruz Alta, como ressalta o escritor (Verissimo, 1984a).

Já a Clarissa de Música ao longe tem dezesseis anos. As perdas que envolvem seus familiares a levam a amadurecer na direção da amargura. Como no livro anterior, a conscientização sobre os acontecimentos passa pelo filtro dos pensamentos da personagem, que descobre aos poucos a falta de perspectiva da vida em Jacarecanga (Zilberman, 2005, p. 42-43).

A saga da personagem continua em “Um Lugar ao Sol” (1978b) (ou o Realismo da Vida Presente), quando completa-se a decadência da família Albuquerque com a morte do pai de Clarissa e a partida dela ao lado de sua mãe e de seu primo Vasco para Porto Alegre. É neste romance que o núcleo de Clarissa se encontra com Fernanda e Noel (personagens de “Caminhos Cruzados”), tornando-se companheiros na luta pela sobrevivência. Por meio das personagens, Erico expõe problemas coletivos de preocupação social (Verissimo, 1978b).

O último livro, que fecha a história da personagem, é “Saga” (1995) definido pelo autor como seu “pior livro” devido ao final dado ao personagem Vasco que sempre corajoso e consciente de sua responsabilidade social termina por se casar com sua prima Clarissa e viver dias tranquilos no campo, após participar da Guerra Civil espanhola. Esse desfecho também é fruto da descrença do autor para com o mundo naquele momento (Verissimo, 1984a).

Finaliza, assim, a saga desses personagens que fecham a série Clarissa. Cada livro retratando os tipos expressivos compostos pelo autor e suas relações com o mundo a sua volta a partir de técnicas e perspectivas diferentes. Iniciando com uma “aquarela” da vida infantil de Clarissa e finalizando com o pesar da guerra em “Saga”. Usando uma linguagem simples e poética para retratar todo esse percurso e a vida das personagens, como explica Bosi (2008).

Em “Um Lugar ao Sol” (1978b), Fernanda convence seu marido, Noel, a escrever um romance sobre a vida comum, sobre pessoas comuns, romance este que ganhará o título “Um Lugar ao Sol” e uma capa desenhada por Vasco, “*Mas não é isto mesmo a vida da gente? A luta por um lugarzinho ao sol?*” (Verissimo, 1978b, p. 393).

Enfim, através de seu repertório de vida e da personagem que ganha comportamento próprio e vida durante a produção literária, parte da realidade para a criação artística e literária de seus tipos expressivos proporcionando um novo olhar para o mundo e novas reflexões ao leitor. Assim, pode-se observar o conceito de realismo lírico, em uma relação entre o romance e a poesia, tratado por Moisés (2006):

O lirismo, nesse gênero de romance, reside em algo mais do que as passagens poéticas do que a atmosfera de fantasia. Consiste em "considerar a realidade de um ponto de vista que, permitindo ser cru, brutal e duro não lhe faz perder nunca o sabor, a frescura, a autenticidade, eis o segredo desse enriquecimento. Não corromper a realidade, não fazer poética, no sentido de idealizada, amputada dos elementos essenciais para nos aparecer como realidade, e deixar-lhe contudo toda a poesia, isto é, todo o perfume

do vivido, todo o íntimo segredo mercê do qual não fica reduzida a uma coisa mesquinha e baça; não trair nenhuma das misérias do homem, não esconder nenhuma infâmia, não ocultar nada do que é feio, e dar-nos todavia uma impressão de plenitude" (Moisés, 2006, p.310).

Para análise do romance de Erico, no capítulo seguinte, segue a análise dialógica das obras em seus aspectos enunciativo, discursivo e linguístico.

4. Análise das obras

Análise de “Clarissa”

Categoria discursiva:

A respeito da categoria discursiva analisou-se a estrutura do romance, começando pela tipologia textual. A tipologia predominante é a narrativa, mas também se encontram muitos diálogos entre as personagens, moradores da pensão e descrições do espaço urbano em que se passa o livro como a cidade, a pensão, a natureza (árvores, flores). A fala dos moradores junto das descrições do ambiente compõem o cenário em que Clarissa cresce.

Quanto ao foco narrativo, o livro é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente que conhece toda a história, inclusive fala sobre os pensamentos e emoções das personagens, apresentando os fatos e o impacto nas personagens com as colocações próprias delas, “Clarissa segue num encantamento. Sua sombra se espicha na calçada. *Como a vida é boa!*” (Verissimo, 1980, p. 10). Com a expressão das personagens por meio do narrador, é possível conhecer suas sensações, como do personagem Amaro que é calado e guarda uma admiração e saudade da juventude ao olhar para a menina, “[...] Clarissa solta uma risada. Amaro franze a testa. *Este momento é de beleza, mas vai fugir...*” (Verissimo, 1980, p. 2). Assim, os dois estabelecem um contraponto, Clarissa – jovem, cheia de esperanças e feliz; Amaro – mais velho, amargo, desesperançoso.

Quanto ao *enredo*, a *situação inicial* da história é a vinda de Clarissa do interior para a cidade de Porto Alegre a fim de estudar o Magistério e se formar professora. Enquanto isso, fica hospedada na pensão de sua tia, Eufrasina. A *complicação* pode ser destacada como a descoberta do mundo pela menina que convive com tipos variados de pessoas e entra em contato com situações que a levam a refletir sobre a vida. Quanto ao *clímax* podemos ressaltar algumas situações de desilusão e sofrimento, como a morte do menino doente Tônico “A morte... - pensa Clarissa. - *A gente nunca se lembra da morte. Mas um dia ela vem, assim de repente*” (Verissimo, 1980, p. 127) e a descoberta da traição do casal que vive na pensão, “Como poderá calar? Com que olhos, com que cara olhará de agora em diante os dois... os dois... *amantes?*” (Verissimo, 1980, p. 109). Outro ponto de virada para a menina foi seu aniversário de 14 anos que marcava sua mocidade para a época, quando passa a usar sapatos de salto alto. O *desfecho*

se dá com Clarissa passando nas provas da escola e retornando para sua cidade natal, Jacarecanga.

O *tempo* da história é cronológico e conta a passagem do ano escolar da menina que inicia o livro com 13 e faz 14 anos no final para então retornar para casa. Sobre o *espaço*, é urbano, da cidade de Porto Alegre, em que a maior parte dos acontecimentos se passa na pensão. Os personagens são: Clarissa, menina de 13 anos que estuda o Magistério; Amaro, homem de cerca de 40 anos, solitário, funcionário do banco, pianista e como o nome já insinua, amargurado; Eufrasina, tia de Clarissa e dona da pensão; Couto, tio de Clarissa, desempregado; Dudu, amiga independente de Clarissa, que já possui namorados, por exemplo; Belmira, empregada doméstica; Barata, caixeiro-viajante; Ondina, esposa de Barata; Nestor, amante de Ondina; entre outros moradores como o Major Pombo, o Gamaliel, o Zezé, o Levinsky; os animais da pensão, o gato Micefufe, o papagaio Mandarin e o peixinho Pírolito; os moradores da vizinhança em situação de pobreza, D. Tatá e seu filho Tônico, menino de 7 anos que teve a perna cortada pelo bonde; em oposição aos moradores em situação rica da casa ao lado.

Aspecto linguístico

O autor utiliza linguagem clara, simples de fácil entendimento. Muitas descrições apresentadas são subjetivas, com uso de metáforas e comparações, como em: “As glicínias roxas *espiam* por cima do muro [...] o sol lhe ilumina o rosto pálido, atirando-lhe sobre os cabelos um *polvilho de ouro*” (Verissimo, 1980, p. 5).

Pode-se destacar também os contrastes expostos no livro: o contraponto entre a juventude, beleza e possibilidades da personagem Clarissa e a tristeza, amargura e decepção de Amaro quanto à vida, pois, está solitário e seus sonhos da juventude não foram realizados. Outro contraste é a vizinhança entre a casa pobre do menino doente e a casa rica, a desigualdade estampada:

-Temos aqui vários exemplos dos erros do nosso regime... Aqui do lado (aponta para a casa de D. Tatá) mora uma pobre viúva que trabalha todo o dia e toda a noite e que não tem dinheiro nem para comprar leite para o filho doente...[...] - Pois ali naquele palacete mora um homem rico, que tem dinheiro no banco, que tem muitos filhos que

andam bem vestidos e bebem bastante leite. Um homem que tem uma casa, rica, cheia de quadros, de vasos, de tapetes, de rádios, de vitrolas, gatos, cachorros. Agora eu pergunto: isto está direito? Isto é justo?” (Verissimo, 1980, p. 94).

Outro aspecto explicitado pela linguagem é o racismo, como em: “Clarissa brinca no jardim com as crianças da casa vizinha. São quatro. Com Luzia seriam cinco. *Mas negro não entra na conta.*” Outro contraste entre as crianças louras e bem cuidadas da casa rica e a menina Luzia que é negra e é criada da família. Nessa cena, Luzia leva as crianças escondidas para brincar com Clarissa, mas quando a brincadeira é descoberta, ela é repreendida, “-Se o pai deles sabe, *me surra...*[...] Mas surra por quê? - pergunta. Ela não compreende... Que mal faz trazer as crianças para uma casa vizinha [...] *Aqui ninguém é bicho.*” (Verissimo, 1980, p. 96).

O autor também utiliza da repetição para reforçar ideias, situações, como o pensamento: “Todos têm um segredo, todos têm um mistério” (Verissimo, 1980, p. 47), que é retomado para mostrar como Clarissa sempre está procurando histórias para a vida das pessoas. Em “Música ao Longe”, a menina continua procurando por esse mistério nas pessoas, pelo “romance” de cada um.

Outro recurso para suavizar as situações cruéis da vida são as descrições da natureza e dos detalhes do cotidiano, ao visitar o túmulo do Tônico, procura espantar a tristeza “No fim de contas ela está viva. Viva! *Pode respirar este ar fresco, ver o céu colorido, ouvir o rádio que toca na casa vizinha, olhar as flores...*” (Verissimo, 1980, p. 144). A natureza em relação às estações, às árvores, ao céu, ao clima sempre se refere a estados da menina e das situações em sua volta.

Relações dialógicas

Durante a obra, é possível acompanhar o desenvolvimento de Clarissa e sua relação com o entorno: “Olhos e ouvidos atentos, Clarissa vê e ouve tudo o que se passa a seu redor. Nada lhe escapa à percepção.” (Verissimo, 1980, p.155). Através do dia a dia da menina, ela enxerga os problemas sociais que a rodeiam, como a desigualdade social, ao observar a bela paisagem cheia de vida, percebe a tristeza e a pobreza do menino Tônico que perdeu a perna em um acidente e de sua mãe que trabalha arduamente para cuidar dele. Entre a beleza das flores, há a

injustiça social falando mais alto para ela. Seguindo seu devaneio, o leitor pode perceber essa relação contrastante.

Não enxerga a paisagem coruscante, nem as rosas e as margaridas, nem o céu, nem o rio, nem as árvores... Dentro da paisagem agora para ela só existe o menino doente da casa pobre, o menino doente que nunca poderá realizar o seu sonho, o menino doente da cadeirinha de rodas, dos soldadinhos de chumbo, do olhar tristonho... (Verissimo, 1980, p. 20).

Em outro momento, o contraste é feito com a casa rica ao lado da casa de D. Tatá e Tônico. Clarissa percebe e evidencia ao leitor a comparação antitética da diferença social separada por um muro florido. Chega a recorrer a religião perante tal situação.

Quatro crianças. Todas gordas, coradas, fortes, todas sãs. Dentro da casa rica não há sombras, nem ratos furtivos, nem cheiro de hospital, nem uma mulher pálida que trabalha curvada sobre a máquina de coser... No pátio da casa rica não mora um menino mutilado que tem vontade de marchar.

Clarissa olha para o céu e pensa:

Meu Deus, eu não compreendo! (Verissimo, 1980, p. 57).

Da mesma forma, dentro da pensão um emaranhado de vozes de sujeitos de diferentes lugares sociais e ideologias convivem entre os sons do ambiente. Inicialmente, Amaro percebe esse vozerio ao seu redor com desgosto, ele quer se isolar do mundo, ser esquecido já que não teve seu caminho dos sonhos realizado e não encontra mais esperança.

Essa confusão de vozes de todas as cores, em todos os tons, entremeadas do retinir de copos, pratos, talheres e do arrastar de cadeiras, obriga-o a ficar aqui na sala de refeições da pensão da D. Eufrasina, em companhia do Barata, caixeiro viajante e contador de anedotas, da mulher do Barata, do tio Couto, que não trabalha e quer regenerar a República, do major que faz perguntas e dá conselhos, da Belinha de olhos românticos e do Gamaliel, prático de farmácia e metodista (Verissimo, 1980, p. 23).

Já, Clarissa, ao observar os pensionistas é curiosa e pensa nas histórias por trás de cada voz: “Todos têm um segredo, todos têm um mistério - pensa Clarissa, passeando o olhar pelo refeitório.” (Verissimo, 1980, p. 47). O olhar dela é ingênuo, esperançoso e inventivo, afinal, ela representa o futuro, diferente do músico preso às desilusões do passado. Observa o movimento vivo de discursos de diferentes valorações com discussões sobre política, existência, religião, saúde, cinema, senso-comum, direito internacional entre outros que se

misturam em uma tensão discursiva de sujeitos conviventes. Para ela, todas essas expressões e discussões são curiosas, coloridas, como se contemplasse um quadro, diferente de Amaro que se sente consumido nesse meio.

Vozes diferentes que se cruzam e chocam no ar macio – vozes mansas, estridentes, sumidas, engasgadas, guturais, de mistura com o ruído de cadeiras que se arrastam, cristais e metais que retinem, tosses, pigarros. [...] Clarissa está encantada no meio de todo este movimento, de toda esta balbúrdia. Estranha as fisionomias. Expressão de felicidade, de ódio, de aborrecimento, de serenidade, de indiferença, de ternura, de inveja. Caras que parecem máscaras que as pessoas mudam a cada instante. Mal pode acompanhar as discussões, pois, as palavras, as frases, as interjeições, os gestos se misturam, se fundem e se confundem. Ah! Mas é uma confusão colorida de feira!

Regenerar a repú... a vida... expulsos da Palestina... políticos profissionais... corrompidos... insulto à crença cristã... que diz? Revolução... ordem... crise... rins... Greta Garbo... S. Pedro negou três vezes... tomar chá de pata-de-vaca... guerra com o estrangeiro... a D. Tatá melhorou? ... bem-aventurados os pobres de espírito... j'ouviu?

Clarissa sorri... Como a vida é engraçada! (Verissimo, 1980, p. 51).

Enquanto observa esse emaranhado de vozes, segue conhecendo aspectos da vida. Inclusive os males, por exemplo, a traição. Quando percebe o que presenciou foge e reconhece que a traição é algo real entre as pessoas. Fica atônita, não sabe como reagir, porém lembra-se da possível consequência da revelação: a morte estampada no jornal, o discurso da manchete jornalística é avivado na sua memória. Decidindo, por fim, manter o segredo.

Nestor... Ondina... Barata... Clarissa acelera o passo, quase corre, desce os degraus de dois em dois. Tem a impressão de que a perseguem, de que a querem matar. [...] Clarissa vê uma folha de jornal, uma folha de jornal que um dia, há muito tempo, ela leu e guardou no fundo da memória, uma folha de jornal que relatava um crime monstruoso. O cabeçalho da notícia dizia: SURPREENDENDO A ESPOSA AOS BEIJOS COM O AMANTE, O MARIDO ULTRAJADO ABATEU-OS COM SEIS TIROS (Verissimo, 1980, p. 108 e 109)

Outro choque para Clarissa se deu com a morte do menino Tônico: “A manhã está inundada de sol. Mas dentro da casa de D. Tatá há sombras, vozes em surdina, quatro velas ardendo, cheiro de remédio, de cera queimada, de flores.” (Verissimo, 1980, p.138). As vozes estridentes estão baixas, em respeito e, apesar do sol da manhã, a casa está sombria. Além disso, o cheiro de flores relaciona-se ao velório e não mais a alegria de viver. Clarissa entra em contato com a morte e percebe que a vida persiste mesmo após a morte: “Abre os olhos. O enterro desapareceu. Mas a vida continua indiferente.” (Verissimo, 1980, p. 143). Passam-se os dias e o leitor sente a ausência do menino que é engolida pela vida, resta apenas o soldadinho de

chumbo abandonado que não brilha mais sem a presença do garoto, também foi atingido por um “vento mau”.

Na pensão de D. Zina a vida rola.

As mesmas caras, os mesmos ruídos, as mesmas vozes.

No jardim brilham as papoulas. Micefufe passeia preguiçosamente por cima do muro, onde já morreram as glicínias e as rosas.

Na casa de D. Tatá: silêncio, um silêncio parado, sombrio, um silêncio de morte e esquecimento. No chão do pátio ficou abandonado um soldadinho de chumbo. É o capitão. De mão erguida, espada em punho, parece comandar uma carga. A sua túnica vermelha está desbotada. Que vento mau teria levado o penacho do bravo comandante? (Verissimo, 1980, p. 147).

No final da obra, Clarissa passa nos exames e está pronta para voltar para sua casa em Jacarecanga: “Clarissa vai como num sonho... Que irá acontecer agora? Tudo mudou: ela já não é mais a menina de antes” (Verissimo, 1980, p. 170). As vozes que perpassaram seu caminho nesse período seguem com ela. Vai voltar para sua família, seus amigos que, para ela estão em um quadro fixo, não sabe as mudanças que se passaram.

Música ao Longe

Categoria discursiva

A tipologia textual que prevalece em *Música ao Longe* também é a narrativa, com descrições e argumentação de Clarissa em seu diário. Quanto ao foco narrativo, é interessante notar que a narração em terceira pessoa pelo narrador onisciente é alternada com outro gênero, o diário de Clarissa, em primeira pessoa (narrador-personagem) “Quero escrever neste diário tudo o que penso, tudo o que sinto. [...] No diário é como se eu estivesse conversando comigo mesma. Assim, tenho a impressão de que sou menos só” (Verissimo, 1978a, p. 9). Assim, há a presença do discurso autêntico da menina que media o conhecimento de situações que ocorrem na pensão, o leitor tem acesso aos acontecimentos por meio da perspectiva da menina.

Sobre o enredo, trata-se da continuação da história do primeiro romance, a situação inicial é que Clarissa, agora de volta para Jacarecanga, trabalha como professora na escola Elementar da cidade e escreve um diário sobre suas impressões do mundo. Como complicação, apresenta-se a decadência da família Albuquerque, do patriarcado rural. O clímax se dá quando

Vasco, primo de Clarissa, rouba o diário da menina e descobre sua visão sobre o que acontece com a família. No desfecho, a família caminha para a falência ao hipotecar sua última propriedade, o casarão onde vivem, e os primos, Vasco e Clarissa se aproximam “Agora eu sei que você não é como os outros... Li tudo.” (Verissimo, 1978a, p. 120).

O *tempo* é cronológico, percebe-se a passagem dos meses pela mudança de estação. O *espaço* é a cidade de Jacarecanga, cidade fictícia do interior de Porto Alegre. Na cidade, Clarissa mora no casarão dos Albuquerque, trabalha no Elementar, vai à Igreja. As personagens da história são os moradores da cidade e familiares: Clarissa, jovem professora; Vasco, primo de Clarissa, rebelde, visto como “o coisa ruim” da família; João de Deus e Clemência, pais de Clarissa; tia Cleonice, irmã de Clemência, noiva há 12 anos; Pio, noivo de Cleonice; os irmãos de João de Deus: tio Amâncio, viciado em cocaína e tio Jovino, bêbado; tia-avó Zezé; os amigos de infância de Clarissa e Vasco: Pé de cachimbo (Gustavo Gamba – filho do imigrante italiano) ganhou o apelido por ter um pé torto, Xexé (Praxedes), as gêmeas Lia e Léa e Conca; Dr. Penteado, juiz distrital que corteja Clarissa; Paulo Madrigal, poeta, entre outros personagens citados, como os falecidos: Olivério, avô de Clarissa; Cristóvão, tio de Clarissa que cometeu suicídio; Zulmira, mãe de Vasco, cometeu suicídio após ser deixada pelo marido; Candoca, marido de Zezé, foi degolado em um combate.

Categoria linguística

O autor usa linguagem simples e nas passagens do diário, imita o estilo da menina “Uma professora formada dizendo *“tem uma paineira”*. O direito é *“há uma paineira”*. Mas fica tão pedante... *Por que será que a gente nunca escreve como fala?”* (Verissimo, 1978a, p. 9). Outra característica é a escrita com verbos no presente, o que torna a escrita dinâmica, como se o leitor estivesse assistindo de perto as cenas do romance como em um filme “Clarissa caminha devagarinho e vai recordando...” (Verissimo, 1978a, p. 184), afinal, o “normal” seria contar no passado “caminhou” como fatos vividos pelas personagens. Assim como em “Clarissa”, o autor também faz repetições de passagens, como a frase de Vasco “Só por tua causa” (Verissimo, 1978a, p. 191) que continua ecoando em Clarissa até o final do romance. As repetições/retomadas reforçam as ideias ao leitor.

O título da obra “Música ao Longe” é justificado na leitura de um poema de Paulo Madrigal, escritor favorito de Clarissa, é a comparação com o amor que ainda não se definiu, como a aproximação de Clarissa e Vasco: “O amor que ainda não se definiu é como uma melodia do desenho incerto: deixa o coração a um tempo alegre e perturbado e tem o *encanto fugidio e misterioso de uma música ao longe.*” (Verissimo, 1978a, p. 30).

Também estão presentes metáforas, Vasco ao conversar com Clarissa em um baile, compara o casarão a um jardim zoológico “- Como vai o jardim zoológico?” (Verissimo, 1978a, p. 68), para ele João de Deus é o leão que anda de um lado para o outro sem tomar atitude e Clarissa uma “toupeira”. O próprio apelido de Vasco é uma metáfora, “Gato do Mato”, por ser arisco, rebelde, selvagem, agressivo, discordar do “tradicionalismo” dos mais velhos da família.

Os contrastes também se encontram em “Música ao Longe”: a juventude e a velhice; a riqueza do passado e a falência da família atualmente; o claro do presente e o escuro do passado “A sala está *mergulhada na sombra.* [...] Abre a janela: o sol da tarde salta para dentro e ilumina em cheio a imagem do general.” (Verissimo, 1978a, p. 8). A vida e a morte também é um contraste presente já que as personagens vinculam seus pensamentos aos “defuntos” passados, prendem-se a figura da riqueza passada.

Outra característica é a descrição das sensações que o ambiente proporciona, apresentando cores, tons, luzes, sombras, cheiros: “Sombras azuladas, luz de ouro novo, vento fresco, perfume de flor” (Verissimo, 1978a, p. 184). A natureza está presente no livro todo, indicando a esperança. As estações representam os sentimentos de Clarissa: o inverno, os problemas, as tristezas; a primavera: as flores, a esperança, a alegria. Os sentimentos da personagem e as situações do livro relacionam-se com o tempo/clima.

Também se observa alguns símbolos, como quadros antigos, fotografias velhas que mostram a “tradição” do clã dos Albuquerque que agora está decadente, perdendo todas as suas propriedades para o “gringo” Gamba. Nesse sentido, o casarão também é personagem e ficou ultrapassado, “O casarão dorme a sesta” (Verissimo, 1978a, p. 186) com os cômodos oponentes, escuros, sombrios que guardam a “poeira” do coronelismo em decadência.

Sobre os problemas sociais apresentados, Clarissa aborda mais uma vez o racismo, desta vez em um quadro de Vasco que traz o rapaz abraçado com Xexé e Conca, ambos negros, amigos de infância de Clarissa e Vasco e a seguinte legenda “Todos os homens são irmãos” (Verissimo, 1978a, p. 135).

Relações dialógicas

Agora o cenário de Clarissa mudou, assim como ela, mas sua percepção acurada persiste. A menina, agora professora, continua observando as pessoas e imaginando seus mistérios e romances, pois, para ela ainda há esperança, apenas não sabe o que esperar.

E Clarissa vê a vida de sua cidade. Vê, sente, analisa, esmiúça e imagina o que essa vida poderia ser. E para ela todas as pessoas que passam pela sua frente, ao alcance de sua vista, têm dois aspectos. O real e o que ela lhes empresta ao cabo de uma série de reflexões. [...] Clarissa não admite que uma criatura possa ser feia, má e triste gratuitamente, de nascimento, sem motivo justificável (Verissimo, 1978a, p. 44).

Assim, Clarissa encontra o seu passado, os seus amigos, a sua família, sua casa que a constituíram e que mudaram assim como ela após o tempo que passou distante. Ela é composta por todas essas relações que constituiu ao longo de sua vida.

Clarissa caminha. E tem a impressão de que um bando invisível a acompanha: Vasco, Lia, Léa, Pé de Cachimbo, Xexé, Conca... Gesticulam e gritam para uma Clarissa diferente e crescida que já não pertence mais ao bando alegre... (Verissimo, 1978a, p. 79).

Clarissa encontra o casarão e sua família decadentes, desmoronando. Sua família está presa ao passado, à tradição, às vozes dos que já se foram. O que eles não percebem é que o contexto de seus “defuntos” não existe mais: “As vozes e as imagens do passado estão para sempre perdidas. Mas a sala ficou.” (Verissimo, 1978a, p. 21). O saudosismo e tradicionalismo os prende, o discurso imponente dos “Albuquerque” não existe mais.

Silêncio. Os Albuquerque pensam nos seus pecados. Uma vida de facilidades, farras, mulheres, bolsa de cordeis frouxos, preguiça, luxúria. “Papai é rico.” “Nos Albuquerque ninguém encosta um dedo.” “Meu avô foi um grande general.” “Tem léguas e léguas de campo, gado em penca.” (Verissimo, 1978a, p. 52)

Apesar da mudança de contexto, o pai de Clarissa continua parado vendo tudo desmoronar. As vozes dos mortos persistem na casa. Agora mais velha ela pode enxergar os problemas da família, dos amigos: a decadência do coronelismo, o vício em álcool e drogas, a pobreza e a desigualdade.

É como se em torno dela se tivesse feito um silêncio de morte. Por trás desta alegria ela vê as preocupações do pai, as bebedeiras do padrinho Jovino, a morte lenta de tio Amâncio, as casas da família que se vão aos poucos passando para a mão dos italianos, Cleonice esperando a vida inteira que seu Pio resolva casar, a Conca, menina ontem, hoje mãe de dois filhos, magra, pobre, feia, abandonada... (Verissimo, 1978a, p. 121).

A sua visão vai além do seu núcleo familiar, ela também pensa e reflete sobre os meninos pobres da sua classe que no inverno passam frio, por exemplo. Pensando sobre a pobreza, a desigualdade, ela reflete sobre soluções, sobre a atitude humana de desunião.

Mas será que a gente não pode fazer mais do que ter pena? Não haverá um remédio para a pobreza? Se todos tivessem boa vontade, acho que o mundo melhorava sem comunismo nem essas outras histórias que os jornais falam todos os dias. Mas infelizmente por toda a parte eu só encontro gente com disposição de brigar e prejudicar o próximo (Verissimo, 1978a, p. 98).

Ao entrar no quarto de Vasco, ela compreende melhor a rebeldia do rapaz que, na verdade, tem opiniões próximas da dela. No romance, Vasco surge para dar luz aos problemas de forma mais veemente, já que Clarissa ainda é jovem e não enxerga tão claramente. Através do contato com ele, sua mente se abre para esses assuntos e conduz também as reflexões do leitor. Por exemplo, os quadros do rapaz possuem críticas às situações que foram acompanhadas através da visão de Clarissa.

Clarissa olha e compreende. Bem como ela pensa. Todos os homens são irmãos. Se ontem, quando era menina, ela podia andar na rua brincando com a Conca, com Xexé, por que é que hoje, só porque está mais crescida, tem de tratá-los a distância, como se fosse feita de outra matéria, como se o contato dos pretos a pudesse sujar? (Verissimo, 1978a, p. 135).

Até mesmo a relação de resistência a mudança e prisão ao passado é retratada e nomeada por Vasco como “Tradição”.

Por cima da mesa de Vasco há um quadro maior. Na parede duma sala toda cheia de móveis antigos vê-se um general de cara feroz, espada enorme, medalhas, dragonas e botões de ouro. Embaixo do quadro, deitados pelo chão, três homens estão em atitudes preguiçosas. Um emborca uma garrafa de cerveja, outro dorme de barriga para o ar e um terceiro está entretido a caçar moscas. Numa faixa branca, no primeiro plano, esta palavra “Tradição”. (Verissimo, 1978a, p. 135).

Por ser professora, Clarissa é orientada a tratar sobre datas que aludem a guerras, isto é um passado sangrento de “heróis” assassinos. Ao falar disso com Vasco, ele adverte sobre a visão deturpada de “pátria”. Clarissa chega a hesitar ao falar sobre a “Revolução Farroupilha” aos seus alunos, mas a época e o ensino “nacionalista” a obrigava a tratar do assunto com “orgulho”, mesmo pensando no efeito prejudicial de idolatrar tais “heróis”.

Quando falei em Pátria, Vasco ficou aceso de novo e disse que essa ideia de pátria que nós temos é uma bobagem, que todos os homens são irmãos, são iguais e que por falarem línguas diferentes, terem olhos e cabelos de cor diversa não quer dizer que devam andar se estripando em guerras (Verissimo, 1978a, p.163).

Seguindo para o final da obra, Clarissa e Vasco se aproximam e continuam a evidenciar os problemas sociais ao leitor. A situação econômica familiar piora ao hipotecar seu último imóvel, o casarão onde vivem, mas, por enquanto, os mais velhos seguem inertes, presos ao passado.

O serão se prolonga. Papai fala no irmão que se suicidou. Por um instante a alma do afogado assombra a sala... Depois falam na mãe de Vasco. Depois em seu Leocádio. E todos os mortos vão chegando de mansinho e sentam-se nas cadeiras vazias, tomando parte também no serão (Verissimo, 1978a, p. 193).

A juventude se mostra como uma esperança de futuro, assim como no primeiro livro. A trajetória de Clarissa continua nos outros livros da saga, mas o seu desenvolvimento é mais forte nas duas primeiras obras que focalizam o seu ponto de vista. Em “Um lugar ao Sol” se dá o fim do clã dos Albuquerque em Jacarecanga com a morte de João de Deus e a mudança de Clarissa, sua mãe e Vasco para a capital, Porto Alegre.

O amadurecimento da personagem Clarissa

Os livros Clarissa e Música ao Longe apresentam o desenvolvimento da personagem Clarissa que interage com relações humanas que influenciam o amadurecimento da sua visão

quanto à complexidade do mundo. Em “Clarissa” ela é uma menina ingênua, alegre que representa a juventude, o futuro e está estudando para se tornar professora (é aluna) e reside na pensão de Eufrasina na capital (Porto Alegre) na qualidade de sobrinha. Na pensão convive com os outros moradores, tipos humanos que lidam com a instabilidade econômica da procura de emprego e da remuneração baixa, além de seus conflitos pessoais quanto a posição social e aos ideais políticos, religiosos. O personagem que se aproxima dela e contrapõe sua posição de juventude esperançosa é o músico frustrado Amaro.

Em “Música ao Longe”, Clarissa é uma moça experiente, já formada, jovem professora na escola de sua cidade natal no interior, Jacarecanga, reside na casa da sua família, o clã Albuquerque, que outrora poderoso, agora passa pela decadência de forma inerte, sem reação efetiva. Perante a compreensão da falta de expectativa no desenvolvimento da cidade interiorana, dos tipos citadinos e no soerguimento de sua família aliada a desilusão com os problemas sociais como a desigualdade, a menina carrega melancolia. Está na condição de filha que percebe a falência e infelicidade dos pais, chegando a ajudá-los financeiramente, agora se faz independente. Ademais, a sua visão da escola também muda, no primeiro livro não compreendia os atos cívicos e o estilo de ensino por memorização, agora percebe o autoritarismo aliado ao patriotismo que é problematizado pelo primo Vasco. Assim, em “Música ao Longe” estabelece vínculo com seu primo Vasco que é pintor e discute as temáticas sociais e o afundamento da família com Clarissa abrindo seus horizontes de compreensão.

O final de “Clarissa” retrata a menina voltando para sua cidade natal em busca do conforto de sua infância, solitária e refletindo sobre o que deixou (as relações com os pensionistas, o peixinho Pirolito, as novas descobertas, o final de sua infância) e pensando em como encontrará sua vida em Jacarecanga e o que fará dela. Já em “Música ao Longe”, o fechamento aponta o caminho para a decadência completa da família Albuquerque, o fechamento de ciclos na cidadezinha. Porém, agora não está mais só, nasce uma relação de cumplicidade com o primo Vasco para um novo futuro com esperanças de fuga, refúgio.

Em “Clarissa”, o contato com seus pensamentos se dá pela abertura do narrador que os transcreve, já em “Música ao Longe” há o discurso autêntico em primeira pessoa da menina por

meio do diário em que conversa com ela mesma. Deste modo, os livros apresentam o desenvolvimento da menina pelo olhar das relações sociais na pensão, da pequena cidade de Jacarecanga e da convivência com seus familiares para conhecer o mundo, ou seja, de relações internas a externas. Percebe-se a personagem situada em um tempo e espaço histórico. A partir das relações observadas nos dois livros por meio da análise, segue-se as considerações finais.

5. Considerações finais

A partir da análise das obras “Clarissa” e “Música ao Longe” foi possível observar a narrativa realista e poética do escritor Erico Verissimo, ao tratar de questões como a desigualdade social, a traição e o racismo a partir do olhar de Clarissa, uma menina que inicia sua trajetória de forma ingênua e descobre as mazelas do mundo, sofrendo desilusões ao reparar que nem tudo é um romance ou um conto de fadas na vida das pessoas. Mesmo assim, se apoia na esperança de um futuro incerto, da chegada da primavera, a estação das alegrias, da esperança em si.

Para conseguir o efeito poético, Erico usa recursos como a linguagem simples, trechos do diário da menina (visão ingênua da menina), verbos no presente (escrita cinematográfica), metáforas, comparações e descrições subjetivas da natureza e das estações que se relacionam com as sensações da personagem e a que composição do retrato social. Além de trazer detalhes do cotidiano, as idas à escola, o café da manhã, os serões familiares. Assim, aborda as desilusões da menina em meio a um panorama de esperança, a menina apenas não sabe pelo que espera. A perspectiva de Clarissa em ambos os romances, criança e depois jovem professora, contribui para a composição de uma visão suave de quem está descobrindo sonhos e esbarrando em desilusões pelo caminho.

Além disso, perceber como o cotidiano da menina agrega um lado sombrio e sórdido permite reflexão sobre a vida, afinal cabe ao leitor finalizar a “obra” através de sua leitura de mundo e das observações sobre a naturalidade com que certos problemas sociais surgem, apelando à sensibilidade humana para aclarar tais reflexões. As vozes das personagens ecoam para o leitor em uma interação dialógica, responsiva quanto ao ato da leitura. Erico representou sua época em diálogo vivo expresso nas páginas dos seus livros.

A análise e estudo da escrita de Erico Verissimo pode contribuir para aplicação na sala de aula através da percepção dos aspectos enunciativo, discursivo e linguístico que permeiam a obra em sua totalidade, promovendo a reflexão aos alunos sobre a importância da análise dos contextos de produção, circulação e recepção da obra situada no tempo e no espaço; da temática,

da composição estrutural e do estilo que compõem o gênero discursivo como materialização da prática social; e da intencionalidade da construção da escrita do autor através de escolhas lexicais, uso de figuras de linguagem, de sentido etc. Sendo possível estabelecer um contraponto entre a época da personagem e a atualidade.

Promover a observação da construção de sentidos por meio da linguagem pode mostrar aos alunos a grandiosidade da literatura a partir da demonstração materializada do poder da linguagem em transmitir ideias, histórias e sensações. Afinal, perceber como é concebida pode aclarar a percepção da literatura aos alunos. A prática em sala de aula pode ser conduzida a explorar excertos da obra literária em que os alunos observem a produção de sentidos materializada por meio de recursos linguísticos.

Referências

Bakhtin, Mikhail. 1997. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Bosi, Alfredo. 2008. *História concisa da Literatura Brasileira*. 39 ed. São Paulo: Cultrix.

Brait, Beth. 2006. *Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise*. Gragoatá, n. 20, p. 47-62.

Brait, Beth (org.). 2005. *Bakhtin: Conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto.

Candido, Antonio. 2016. Apresentação, 2005. In: Verissimo, Erico. *Caminhos Cruzados*. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso.

Chaves, Flávio Loureiro. 1978. Ensaio introdutório: “Um Lugar ao Sol” ou o Realismo da Vida Presente. In: Verissimo, Erico. *Um Lugar ao Sol*. 16 ed. Porto Alegre: Globo.

Destri, Alana; Marchezan, Renata Coelho. 2001. *Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa*. Revista da Abralín, v. 20, n 2, p 1-25.

Moisés, Massaud. 2006. *A criação literária: prosa I*. 20 ed. São Paulo: Cultrix.

Moisés, Massaud. 1979. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix.

Santos, Donizeth. 2015. *A Técnica Narrativa Do Contraponto No Romance Caminhos Cruzados, De Erico Verissimo*. Revista de Literatura, História e Memória VOL. 11 - Nº 17 - 2015 ISSN 1809-5313 U N I O E S T E / C A S C A V E L P. 27-42.

Santos, Donizeth. 2014. *O projeto literário de Erico Verissimo*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 331-363, jul./dez. 2014.

Scliar, Moacyr. 2016. Prefácio. In: Verissimo, Erico. *Caminhos Cruzados*. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso.

Verissimo, Erico. 1996. *Breve História da Literatura Brasileira*. Tradução de Maria da Glória Bordini. 3 ed. São Paulo: Globo.

Verissimo, Erico. 2016. *Caminhos Cruzados*. Apresentação Antonio Candido; prefácio Moacyr Scliar. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso.

Verissimo, Erico. 1980. *Clarissa*. 36 ed. Porto Alegre: Globo.

Verissimo, Erico. 1978a. *Música ao Longe*. 21 ed. Porto Alegre: Globo.

Verissimo, Erico. 1995. *Saga*; ensaio introdutório de Flávio Loureiro Chaves. 20 ed. São Paulo: Globo.

Verissimo, Erico. 1984a. *Solo de Clarineta - Memórias - Primeiro Volume*. 17 ed. Rio de Janeiro: Globo.

Verissimo, Erico. 1984b. *Solo de Clarineta – Segundo Volume*. (Segunda Parte, póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves). 6 ed. Rio de Janeiro: Globo.

Verissimo, Erico. 1978b. *Um Lugar ao Sol*; ensaio introdutório de Flávio Loureiro Chaves. 16 ed. Porto Alegre: Globo.

Zilberman, Regina. (2005) A personagem Clarissa: menina & moça. In: Aguiar, Flávio. (2005) *Caderno de Leituras Erico Verissimo*. Companhia das Letras.